

Ar sobre terra

Notas sobre a colina

Rosa Schramm ¹

O processo de desenvolvimento e a realização coletiva da proposta *Colina*, se desdobram no presente texto através de notas sobre o ato do parar e do sentar com a imagem e o conceito de colina enquanto uma geografia experienciada e intuída.

¹ Rosa Schramm é dançarina independente, performer e professora da Técnica Alexander. Doutoranda em Artes Visuais na Universidade de Brasília. Bolsista CAPES. Membro da Associação Brasileira de Técnica Alexander -ABTA.

Naquela tarde sentei por um longo tempo.

Parei para ver como estava depois de muitos anos sem passar ali. Foram poucos passos até sentar, minhas pernas tremiam compassadas com as folhas agitadas pela ventania daquele dia. Me emocionei logo ao entrar na Colina Velha. Sentei no banco abaixo do nosso antigo apartamento. Esse foi o meu quintal por quinze anos. Me acomodo sem demora. O lugar está carregado, grávido de memórias, deslizo para seu centro, as paredes e o teto ora me comprimem e ora me acolhem.

O que acontece aqui, nesse ponto que parei e sentei? Assumir esse encontro acidental é (com)posicionar-se no instável. Aquietar-me e receber a passagem do vento.

Uma espera sem objeto, uma presença ausência.

Voltei mais algumas vezes.

Voltei com um grupo.

Caminhei pelas bordas.

*No imóvel ponto do mundo que gira. Nem só
carne nem sem carne.
Nem de nem para; no imóvel ponto, onde a
dança é que se move,
Mas nem pausa nem movimento. E não se
chame a isto fixidez,
Pois passado e futuro aí se enlaçam. Nem
ida nem vinda,
Nem ascensão nem queda. Exceto por este
ponto, o imóvel ponto,
Não haveria dança, e tudo é apenas dança.
Só não posso dizer que estivemos ali, mas
não sei onde,
Nem quanto perdurou este momento, pois
seria situá-lo no tempo.*

Quatro Quartetos - T.S. Elliot

Encontro com a gravidade

Paragem e inversão da ação

Paragem e paisagem.

Ver a passagem.

Praticar o não fazer.

Demorar-se na paragem

Manter-se testemunha.

Estar lá quando a colina acontecer.

Paisagem como evento. Duração no ponto.

A paisagem, em Jean-Marc Besse, é evento: ela é passagem, incompleta, da vida. “Do mesmo modo que o presente é esta atualidade inegociável, esta infatigável urgência de possibilidades que não se pode adiar sem perdê-las” (BESSE, 2006: 100).

O evento da queda e o encontro com o peso. A curvatura do espaço-tempo e a formação geográfica. Não seria tanto uma força sobre corpos, somos atraídos para ao centro da Terra porque o piso é irregular. Nossa aderência à terra é nossa ancestralidade, cósmica e cultural.

Aspectos importantes das tradições chinesa e indiana relacionam a quietude com a montanha. Montanha é nome popular do *Tadasana*, um asana do *Hatha Yoga*, que trabalha a permanência na postura de pé. Tanto as imagens como os conceitos criados em torno da montanha e da quietude, trazem como fundo a ideia de mutação, do circular. A agitação que mantém a vida. A montanha no *I Ching* é encontro da terra com o céu, formado pelo hexagrama fechado no interior e aberto nas pontas de cima e de baixo, para o céu e para a terra.

O verbo presente no radical da palavra verticalidade – verter – carrega a ideia de circularidade. No Kinomichi, arte marcial japonesa derivada do Aikido, o fundamento também é esse: harmonizar-se com a relação circular terra-céu, abrir-se e ser atravessado pelo encontro dos vetores vertical e horizontal, como os caminhos de energia do fogo e da água.

Em termos políticos, uma ação deliberada de parar frente a demanda de movimento e de produção de sentido. É recusa à massificação da subjetividade e decisão em favor das micropercepções. Exercício de individuação, resignificação constante da posição/postura no mundo.

Observamos nossa postura, nosso ponto de pouso.

Reparar a queda e a resposta, a cedência do peso sobre uma superfície e a altura, no caso meia altura, já que sentada.

Devaneio cinestésico. A dança acontece sozinha.

Experimentar um voo: redistribuir forças e intensidades; jogar com o campo gravitacional; verter-se; manter-se em movimento ainda que parado.

Como extensão no espaço, o deslocamento pode suavizar as passagens quando posiciona seu lugar de pouso. Encontro que traz leveza e fluxo com estabilidade e aterramento. São menos forças compensatórias. A zona de contato muda com o passar: Quão profunda é sua raiz? Quanto podemos mergulhar mantendo-se na superfície.

O ponto em duração: paragem. Prolongar instantes, dar volume.

Banco: cabana

O deslocamento e a inversão do olhar sobre a própria espacialidade, materialidade e presença do corpo são ações tão importantes, quanto condicionantes para a experiência com o espaço. Podemos falar em construir paisagens, em que perceber é criar, é comparecer ao acontecimento. Ser tomado por um acaso e incidir (cair) junto ao acontecimento. Deixar-se espantar pelo desconhecido.

Os sentidos de deriva e deambulação, ampliados como arte do encontro, como propõe Francesco Careri, traz a âncora como possibilidade de parar e conhecer por dentro.

A deriva é um dispositivo que não se opõe ao devir, mas o deixa acontecer e desdobrar-se, acompanhando-o para seus próprios fins: atravessar o mar, um território fluido em perpétuo movimento – e, portanto, um território do *aqui e agora*, como tantas vezes são os fenômenos urbanos – obtendo potência e secundando a energia do vento, daquela pura força imaterial que, quando para, deixa de existir. (CARERI, 2017: 32)

Careri associa o parar com o movimento de ir de encontro ao outro. A âncora, instrumento fundamental de navegação, ressalta a importância da paragem na deriva para a deambulação no interior. Sua intuição se desenvolve com a referência do gesto milenar de erguer e mostrar a palma da mão para saudar a distância. O mesmo gesto é realizado para dizer pare e adeus. Se me aproximo com esse gesto, peço para entrar, se sou que recebo, o sinal é não entre.

ILHA

Desejo insular, desejo de encontro.

*Quando já não havia outra tinta no mundo
o poeta usou do seu próprio sangue.
Não dispondo de papel,
ele escreveu no seu próprio corpo.
Assim,
nasceu a voz,
o rio em si mesmo ancorado.
Como o sangue: sem foz nem nascente.*

Lenda de Luar-do-Chão
(MIA COUTO, 2003: 219)

Qual, o que seria o movimento do movimento? Intervalo entre imagens, ruídos, impulsos, percepções, mudanças, quebras. Diferença na duração. Ritmo. Ciclos: apesar das flores serem diferentes, a primavera é sempre a mesma.

Aceitar o transitório e participar da criação do mundo.

Partenogênese, diferenciação interna.
Impasse linguístico. Dúvida, estranhamento e encontro com a diferença.

Dialética é movimento. Ponto de transição entre a finitude da possibilidade e a emergência de outras novas possibilidades. *Poiesis*.

Rastros, o limite do singular. O movimento da individuação desponta novas possibilidades.

Ponto de paragem. A espera não é passiva, se (entre)tem com os instantes, ao longo.

A inflexão sobre si estabelece uma distância, que é proximidade enquanto espaço a ser percorrido. Relação circular, o presente nunca chega, eterno retorno.

Maurice Blanchot (2005) distingue o tempo da narrativa do tempo do romance. A narrativa é o desenvolvimento do acontecimento, autor e obra nascem juntos, enquanto o romance é história, apresentação de fatos, do acontecimento findado. O encontro com o imaginário parece ser a distância inexorável de tocar, apreender, a experiência em sua plenitude cognitiva.

Toda ambiguidade vem da ambiguidade do tempo que aqui se introduz, e que permite dizer e experimentar que a imagem fascinante da experiência está em certo momento, presente ao passo que essa experiência não pertence a nenhum presente, e até destrói o presente em que parece introduzir-se. (BLANCHOT, 2005: 12)

A experiência do peso, proprioceptiva e cinestésica, convoca movimento. Em Blanchot a travessia é convocada pelo canto das sereias, pelo rastro que

o canto espacializa. O peso curva o espaço, estica o tecido ao redor e cria vacuidade, caminhos de passagem. A atração que ele exerce é infundável. Nunca termina de chegar, como informação ponderal, e se reatualizar, como ponto no espaço.

Parar como dança é lugar de reconhecer o acontecimento contínuo da queda e a recuperação da queda.

Ponto da encruzilhada. Cruz, encontro exponencial. A existência, a morada, nasce do conflito, da crise. Algo se afirma na negação. Negação é diferente de aniquilação. A negação mantém o movimento em movimento, verte seu sentido em outra direção. Desdobra-se em outro sem deixar de ser, mas já não sendo o que era. Ponto do devir, da escuta, da promessa, do ápice, da mudança.

Ponto, diferença. Fronteira, relevo.

Passagem, trânsito, paragem, possibilidades. Abertura de caminhos. Eu mesma criei as condições para o futuro com meu passado. Não foi coincidência. Esquecimento estratégico. Acaso?

Voo

Flutuar com os pés no chão.

Espacialização tal que diminui a densidade.

Deslocar o ponto de contato.

Voar é agenciar pesos.

Voos ascendentes e descendentes.

Alcançar, descer, rolar. Impulso.

Encontrar uma relação expansiva a partir do ponto de contato.

Ceder que quer subir, doses de escuta e de ação. Gravitando sobre o ponto de encontro, escorregar na curva.

Voo: fluxo feliz

Modos de habitar, de tocar, apoiar-se no ar.

Flutuar sobre os ossos. Manter o fluxo de entrada e saída. Considerar a tridimensionalidade, o circular, a espiral.

Pequena dança. Técnica do decanto.

Decantar, deixar cair e ver subir. Encantar-se com o peso como o anjo Cassel ao sentir pela primeira vez o peso da carne.

Encontro com a gravidade.

O peso é real, apesar da imprecisão sensorial e do imaginário sobre.

Manter-se em movimento ainda que parado.

Voo,
mergulho interno.

Onde está a Colina?

Encontrar a paragem.

Sentamos junto à Colina. Intuímos seus contornos insulares, seu redondo, seu elevado. O banco, um lugar de pouso, assenta outra relação com a Colina. Algo se apazígua entre nós. Entre o querer ver e o ver o que já está.

Desaceleramos o tempo para escutar o espaço.

O relevo interno e externo,

devir colina.

REFERÊNCIAS

BESSE, Jean-Marc. Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia.

São Paulo: Perspectivas, 2006.

BLANCHOT, Maurice. O livro por vir. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CARERI, Francesco. Caminhar e parar. São paulo: Gustavo Gili, 2007.

COUTO, Mia. Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra. São Paulo:
Companhia das Letras, 2003.

ELIOT, T.S. Poesia. Tradução Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,